

LEITURA DE FÁBULAS NO ENSINO FUNDAMENTAL: As fábulas de Liev Tolstói na sala de aula

LILIANE ALVES DE LIMA FERREIRA
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

HALYSSON F. DIAS SANTOS
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

Resumo

O presente trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa-intervenção, elaborada com base na Sequência Básica de Cosson (2016), para promover o letramento literário em turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. O gênero literário escolhido para o desenvolvimento da proposta foi a fábula, mais especificamente as fábulas do escritor russo Liev Tolstói. O objetivo geral dessa intervenção pedagógica é compreender o porquê da defasagem do letramento literário no processo de formação do leitor proficiente na educação básica, promovendo o despertar pela leitura literária, através da obra *Fábulas* (2009), de Tolstói. Nesse sentido, diante de todas essas dificuldades enfrentadas no cotidiano da sala de aula na formação de leitores, busca-se problematizar como promover o letramento literário, por meio do trabalho com fábulas, em específico as fábulas de Tolstói. A intervenção pedagógica é caracterizada pelo envolvimento de pesquisadores e pesquisados no processo da pesquisa, pois atua em uma realidade social, possui um caráter aplicado, deseja atuar na resolução de problemas, produz benefícios práticos e prevê mudanças, pois atua frente à resolução de problemas. A pesquisa se dará através coleta de dados numa turma de 6º ano. Trata-se de uma turma mista de aproximadamente 25 alunos, de 12 a 13 anos, de ambos os sexos, que apresentam como principal dificuldade o letramento literário e total despreço pela leitura literária.

4012

Palavras-chave: Fábula. Letramento Literário. Ensino Fundamental.

Abstract

This work presents partial results of an intervention research, developed based on Cosson's Basic Sequence (2016), to promote literary literacy in 6th year elementary school classes. The literary genre chosen for the development of the proposal was the fable, but specifically the fables of the Russian writer Leo Tolstoy. The general objective of this pedagogical intervention is to understand why there is a lag in literary literacy in the process of training proficient readers in basic education, promoting awakening through literary reading, through Tolstoy's work *Fábulas* (2009). In this sense, in view of all these difficulties faced in the daily classroom in the training of readers, how can we promote literary literacy, through working with fables, specifically Tolstoy's fables? Pedagogical intervention is characterized by the involvement of researchers and researched in the research process, as it operates in a social reality, has an applied character, desires to act in solving problems, produces practical benefits and foresees changes, as it works to solve problems. The research will take place through data collection in a 6th year class. It is a mixed class of approximately 25 students, aged 12 to 13, of both sexes, whose main difficulty is literary literacy, and a total lack of appreciation for literary reading.

Keywords: Fable. Literary Literacy. Elementary School.

Introdução

O presente trabalho apresenta uma proposta de intervenção pedagógica que visa à promoção do letramento literário em turmas de 6º ano do Ensino Fundamental. A intervenção se fundamenta no modelo de Sequência Básica proposto por Rildo Cosson, no livro *Letramento Literário: teoria e prática* (2016). O gênero literário escolhido para construção da proposta foi a fábula. A obra selecionada para a construção da Sequência Básica foi o livro *Fábulas* de Liev Tolstói (2009), pois o estudo de fábulas do escritor russo, por constituir uma novidade no âmbito do Proletas, pode despertar o interesse pelo trabalho com autores que, para além de Esopo e La Fontaine, também cultivaram o gênero fábula. Constituindo o aporte teórico-metodológico e historiográfico do estudo do gênero fábula e da proposição de intervenção pedagógica que ora se apresenta destacam-se os trabalhos de Cosson (2016, 2021), para a definição de letramento literário e para fundamentar a construção da Sequência Básica que será aplicada durante a intervenção pedagógica; os trabalhos publicados na obra *A tradição da fábula* (DEZOTTI, 2018), que, a partir de um diálogo crítico com trabalhos de Coelho (2000), D'Onofrio (1995), Malta (2017), e Moisés (2013), contribuíram para a definição e a abordagem histórica da fábula desde Esopo até La Fontaine.

O que nos motivou a propor e desenvolver essa intervenção pedagógica em turmas de 6º ano foram justamente as dificuldades cotidianas encontradas na prática da leitura literária em sala de aula. A falta de interesse, muitas vezes observadas, em relação à leitura de textos literários, especialmente no 6º ano do Ensino Fundamental, nos despertou a realizar esse trabalho com o gênero fábula, com enfoque nas fábulas escritas por Liev Tolstói, objetivando promover o letramento literário que se faz tão necessário na atualidade. Segundo Cosson (2021, p.180), “cabe à escola oferecer ao aluno novas e múltiplas experiências literárias”. Nesse sentido, esperamos que a proposta aqui apresentada sirva de contributo ao fomento de tais experiências no espaço escolar.

A principal expectativa em relação ao desenvolvimento da intervenção pedagógica é a de despertar o interesse dos participantes para o mundo da leitura literária. Esperamos que, por meio das atividades propostas, seja possível mediar o processo de interação com os textos literários, possibilitando a ressignificação da prática da leitura literária no ambiente escolar, contribuindo para que os participantes da intervenção desenvolvam as habilidades necessárias para se tornarem leitores literários competentes (COSSON, 2021).

Ao promover a discussão sobre a leitura literária na sala de aula, o presente artigo se mostra relevante não somente do ponto de vista acadêmico, mas, sobretudo, no que diz respeito ao trabalho com gêneros literários na escola. Por meio da abordagem de uma das temáticas mais prementes para o ensino de Língua Portuguesa e o letramento literário no Ensino Fundamental, pretende contribuir para a ampliação dos saberes necessários ao trabalho docente.

Sobre a história do gênero fábula

Tendo em vista que a intervenção será realizada por meio da leitura de fábulas, julgamos pertinente empreender, com base nos trabalhos já mencionados, um estudo panorâmico a respeito das peculiaridades e da história da produção desse gênero desde a Antiguidade até os tempos modernos, a partir do qual será também possível, além de oferecer uma visão geral de seu desenvolvimento histórico, pontuar as características que a distinguem enquanto um gênero narrativo.

Quanto a sua etimologia, segundo Coelho (2000), a palavra fábula tem origem no latim *fari* (falar) e no grego *phaó* (dizer, contar algo). Ainda segundo essa autora, a fábula pode ser definida como uma narrativa, que, tendo uma “natureza simbólica”, se refere a uma “situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade”, que, provavelmente, teria sido a “primeira espécie de narrativa a aparecer” (COELHO, 2000, p. 165). Proveniente do Oriente, a fábula teria sido “reinventada no Ocidente pelo grego Esopo (século VI a.C.)” e, séculos depois, teria sido aperfeiçoada pelo escravo Fedro, escritor latino do século I da era cristã, que teria enriquecido estilisticamente esse gênero narrativo (COELHO, 2000).

D’Onofrio (1995) define a fábula como um tipo de narrativa muito breve, assim como a anedota, o apólogo e do provérbio. Segundo o autor, a fábula “difere do apólogo pelo fato de que as personagens são animais” (D’ONOFRIO, 1995, p. 126), muito embora, como veremos, essa característica da fábula seja discutida, de fato, boa parte das narrativas classificadas como fábula tem esse distintivo. De acordo com D’Onofrio (1995, p. 126), “o gênero fabulístico teve ilustres cultores na literatura ocidental, como Esopo, Fedro e La Fontaine”. A questão da autoria esópica também é controversa, como se verá adiante.

Moisés (2013), em seu *Dicionário de termos literários*, define a fábula nos seguintes termos:

Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a parábola, em razão da moral, implícita ou explícita, que deve encerrar, e de sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, preservando as

características próprias, deixa transparecer uma alusão, via de regra satírica ou pedagógica, aos seres humanos (MOISÉS, 2013, p. 186).

Como podemos notar, Moisés (2013) também define a fábula como um tipo de narrativa concisa e a aproxima, por seu caráter geralmente moralizante, do apólogo, assim como da parábola, além de apontar como uma de suas características a presença personagens que, sendo animais, têm características antropomórficas.

No entanto, seja no que se refere a sua história, seja no que diz respeito às peculiaridades da fábula, existem problemas relacionados a esse gênero narrativo que não podem ser desconsiderados.

Embora seja geralmente associada a uma narrativa cujos personagens são animais, como bem lembra Dezotti (2018e), a fábula jamais se limitou a narrar apenas histórias de animais antropomorfizados. Nas fábulas esópicas, por exemplo, qualquer ser poderia aparecer como personagem. Quanto a essa questão, Malta (2017) também assevera que, embora predominem situações envolvendo animais, isso não seria uma regra, pois o próprio Esopo aparece como personagem, a exemplo da fábula “Esopo no estaleiro”. Nessa fábula, em que o narrador, no caso Esopo, conta uma história em que não aparecem animais.

De acordo com Dezotti (2018d), a tradição popular consagra Esopo como o “pai da fábula”, mas a verdade é que, sobre Esopo, muito pouco se sabe e as fábulas a ele atribuídas são textos anônimos, o que coloca em questão sua autoria supostamente esópica. Heródoto (século V a.C.) teria sido o primeiro a citá-lo como figura histórica. O historiador grego, que também viveu em Samos, para onde se acredita que Esopo tenha sido levado cativo, teria sido seu quase contemporâneo, pois vivera no século VI a. C.

São muitas as contradições em relação aos dados biográficos de Esopo, a mais relevante de todas as hipóteses é que sua origem não seja grega, mas oriental. Segundo Heródoto, Esopo teria sido morto em Delfos, vítima de uma falsa acusação de roubo, como castigo, o imputaram a pena destinado a todos os sacrilégios: lançaram-no do alto de um rochedo. A figura de Esopo foi sacralizada entre os gregos, no período clássico (séculos V-IV a. C.), tendo seu nome citado por escritores como Platão e Aristófanes (DEZOTTI, 2018d).

Não há evidências que comprovem que Esopo tenha sido realmente o compositor das fábulas atribuídas a ele, devido à escassez de documentos que confirmem essa autoria (DEZOTTI, 2018d). Coelho (2000) e Malta (2017) discutem a autoria das fábulas atribuída a Esopo. Na verdade, seu nome estaria mais associado a uma lenda, com pouca sustentação histórica. Esopo não seria exatamente o que se compreende por “autor”, mas a ele se reportava

qualquer narrativa com teor moralizante, disseminada oralmente ou por escrito (MALTA, 2017).

Diante de tantos questionamentos, qual seria de fato a pátria originária do gênero fábula, um dos mais antigos gêneros de que se tem notícia? Grécia ou Índia? Como destaca Dezotti (2018e, p. 23), “a partir do século XIX, quando o Ocidente descobriu a cultura indiana, muitos estudos foram feitos para tentar descobrir a pátria da fábula”, o que levou a diferentes pontos de vista nesse tocando, que “se dividiam entre a Grécia e a Índia”. Ainda segundo essa autora,

No começo do século XX, porém, a decifração da escrita cuneiforme possibilitou o conhecimento de textos sumerianos datados, no mínimo, do século XVIII a.C., que veiculavam narrativas com personagens animais antropomorfizadas muito parecidas com as fábulas gregas e indianas (DEZOTTI, 2018e, p. 23).

Essas descobertas, mudaram algumas perspectivas sobre as origens antigas do gênero, elas levaram à conclusão de que a fábula grega não seria “autóctone”, tampouco “originária da Índia”, sendo desse modo, como segue dizendo a autora, as duas tradições, ou “vertentes”, como ela diz, teriam se derivado de “uma mesma fonte comum não ariana” (DEZOTTI, 2018e, p. 23).

Quando tiramos o foco das indagações sobre sua gênese da fábula, é possível analisar sob outro ângulo a presença de textos com as características que são geralmente atribuídas à fábula em diferentes culturas antigas. Como propõe Dezotti (2018e, p. 23), “se deixarmos de lado a tradição greco-latina e mesmo a tradição indiana, somos levados a crer que a fábula é um modo universal de construção discursiva”.

A obra *A tradição da fábula* traz um panorama geral da história do gênero fábula, desde Esopo a La Fontaine, passando por fabulistas importantes como Fedro, Bábrio e Aviano, além da tradição indiana. Todos esses autores são de sumo importância na compreensão do desenvolvimento histórico desse gênero tão resistente à passagem do tempo.

Sobre Fedro, que teria sido um filho de escravos, não se sabe ao certo as datas do seu nascimento e de sua morte. Porém, ao que tudo indica, viveu certamente no século I d. C. sob o reinado de Augusto, Tibério e Cláudio. Teria nascido em um país de língua grega, a Trácia. Fedro introduz o gênero fábula em língua romana. Pelos escritos deixados é possível inferir que foi alforriado pelo imperador Augusto (DEZOTTI, 2018a).

Conforme Dezotti (2018a), a obra de Fedro tem em torno de uma centena de fábulas, escritas em versos senários jâmbicos e que estão distribuídas, segundo o autor, em cinco livros. As fábulas são “transcrições esópicas”, as quais tinha por finalidade entreter e aconselhar, segundo o próprio fabulista, nos prólogos dos livros I e II. O prólogo do livro III traz a passagem em que Fedro explica a invenção da fábula por escravos, que, por necessidade, ocultavam “em

narrativas alegóricas as denúncias que não podiam fazer abertamente” (DEZOTTI, 2018a, p. 83). Portanto, as fábulas eram então utilizadas para falar de forma velada aquilo que não podia ser dito em tempos de reis e imperadores impiedosos.

Bábrio, nome romano, foi um fabulista que, muito provavelmente, segundo Dezotti (2018c), viveu no século I, escreveu dois livros de fábulas em língua grega, que contam, ambos, com prólogos, nos quais são feitos comentários sobre o gênero. Segundo os prólogos, os versos são destinados ao jovem Branco, filho do rei Alexandre (DEZZOTI, 2018c). O primeiro dos prólogos de Bábrio trata do nascimento da fábula, referida “como poesia própria da idade de ouro”. No segundo, o fabulista romano “atribui a invenção da fábula aos sírios, pondo-se em desacordo com as descobertas arqueológicas que remontam as mais antigas fábulas conhecidas à cultura mesopotâmicas”, (DEZOTTI, 2018c, p. 100). É importante ressaltar que Esopo é mencionado em ambos os prólogos. Para Bábrio, “ele teria sido o primeiro a contar fábulas aos gregos”, recorrendo à prosa, ou, como diz, à “musa livre”. Bábrio afirma ser ele próprio o pioneiro em compor em versos (mais precisamente em iambo) as fábulas esópicas (DEZOTTI, 2018c, p. 101). Segundo o parecer de Dezotti (2018c, p. 101),

[...] temos em Bábrio o primeiro registro da fábula como gênero destinado a jovens e revestido de finalidade pedagógica. O fabulista se apresenta como um poeta instruído que vai educar um jovem, e essa relação entre educador e educando se estende para além dos prólogos, reaparecendo também nos epítios das fábulas, como se pode observar na fábula “A gralha e as aves”; vê-se que aí Bábrio continua a dialogar com o jovem príncipe, em uma situação que lembra uma sessão de contação de fábulas, que de certo modo antecipa aquela que nosso Monteiro Lobato vai criar séculos mais tarde.

Quanto às fábulas de Aviano, que teriam sido compostas nos primeiros anos do século V d.C, de acordo com Dezotti (2018b, p. 119), estas podem ser compreendidas como “produto de uma época de transição”. Para o referido autor, elas representam uma tradição que revestidas de padrões estéticos e ideológico que sobreviverão por muito tempo. O que sabemos a respeito de Aviano o sabemos com base no prefácio de seu próprio livro, que, como diz Dezotti (2018b, p. 119), foi escrito “para preservar a memória de seu nome”. Nesse prefácio, para além dessas informações, Aviano “também dá pistas acerca do trabalho de composição, das influências, das concepções que nortearam a escrita desse livro” (DEZOTTI, 2018b, p. 119).

Em seu livro, Aviano se refere aos fabulistas que o antecederam, dando destaque a Esopo, mas em deixar de valorizar Bábrio e Fedro, “talvez os únicos que antes dele haviam feito versões poéticas das fábulas esópicas” (DEZOTTI, 2018b, p. 119-120). Aviano, porém, inova utilizando “uma métrica até então típica de outro gênero, a elegia”. Segundo Dezotti (2018b), ao abandonar o metro que havia sido empregado pelos seus antecessores na

composição de fábulas e ao adotar um novo padrão, distinto daquele que foi seguido pelos que o antecederam na escrita do gênero, Aviano “promove a fábula a um patamar mais nobre na escala da literatura” (DEZOTTI, 2018b, p. 120).

Ainda segundo Dezotti (2018b), posteriormente, nos séculos que se seguiram, o livro de Aviano se torna uma das obras obrigatórias nas escolas, seus escritos se tornam recorrentes em catálogos de bibliotecas escolares, e seu nome passa a figurar nas listas de autores recomendados aos mestres. Essa presença de Aviano, no entender de Dezotti (2018b), demonstra que, durante toda a chamada Idade Média, a “primeira forma de narrativa que os estudantes tinham contato, depois da alfabetização e das aulas de gramática, eram as fábulas” (DEZOTTI, 2018b, p. 121). Dezzotti (2018b, p. 121), conclui que, apesar de pouco considerado, Aviano é, sem dúvidas, “um autor de suma importância para a transmissão das fábulas esópicas na cultura ocidental”.

É necessário ainda, ao lidar com as fontes mais antigas da história do gênero, fazer menção à tradição da fábula indiana, que tem início com textos sânscritos da coleção *Pañcatantra*, que são “Cinco tratados”. Segundo Vargas (2018, p. 131), “compilada por volta do século I”, o *Pañcatantra* “se expande por meio da versão árabe Calila e Dimna (século VIII), de Abdallah Ibn Al-Muqaffa, e de inúmeras versões que surgem a partir desses escritos”. O *Pañcatantra* é composto de cinco livros, que, independentes entre si, trazem “um conjunto de modelos de comportamentos transmitidos por meio de fábulas por Vicnuçarman aos filhos de um rei” (VARGAS, 2018, p. 132).

Outra coleção de fábulas sânscritas vinculada à tradição do *Pañcatantra* é o *Hitopadeça*, que se traduz como “instrução útil”. Essa coleção também se difundiu no Ocidente. Atribuída a Narayana (século X), essa coleção é composta de 46 fábulas, dispostas em quatro livros. Desse total, 25 são oriundas do *Pañcatantra*. Segundo Vargas (2018, p. 133), “as narrativas que compõem os livros dessas coleções referem-se às matérias principais dos manuais de política e da vida prática da Índia antiga: economia, administração, técnicas diversas para a conduta apropriada na guerra, na paz, na vida diária”. Por essa razão, como explicita Vargas (2018, p. 133),

as fábulas indianas são classificadas, nos manuais de literatura sânscrita, sobretudo como matérias do *nitiçāstra*, que significa “tratados sobre a conduta”, *kathā* (conversa, discurso, história inventada), *ākhyāyikā* (narrativa curta) e *upākhyānam* (relato, repetição de um evento, conto ou história subordinada à outra) (VARGAS, 2018).

Na tradição indiana, as fábulas têm, portanto, o objetivo de instruir, ensinar os jovens príncipes e essa missão é dada ao brâmane Visnuçarman, que cumpre sua missão narrando as

histórias que compõem a coleção. O teor desses ensinamentos é transmitido por meio da moral secular, que apresenta um mundo cheio de competição e a sobrevivência do mais esperto. Como ressalta Vargas (2018), a tradição da fábula indiana chega a autores como La Fontaine e Monteiro Lobato.

Finalmente, cabe destacar o fabulista Jean La Fontaine, nascido em 1621, em Château-Thierry, França. De acordo com Alcoforado (2018), parte para a cidade de Paris aos 20 anos de idade para estudar, instalando-se definitivamente, anos depois, aos 37 anos, na capital francesa. Em 1668, lança sua primeira coletânea das fábulas (*Fables choisies mises em vers*). Faleceu em 13 de abril de 1695. Ainda segundo a referida autora, o sucesso de suas *Fábulas* se comprova por suas inúmeras edições nos séculos XVIII e XIX (ALCOFORADO, 2018).

Segundo Moisés (2013, p. 187), La Fontaine foi o “mais inventivo dos fabulistas surgidos após a Renascença”, estando suas histórias entre as mais traduzidas, aplaudidas e imitadas desde sua publicação na segunda metade do século XVII. Para Coelho (1991), La Fontaine deu a forma definitiva ao gênero fábula na literatura ocidental. Embora escrevesse para adultos, como bem lembra Coelho (1991), suas fábulas se tornaram populares, passando a ser, apesar de algumas reservas e resistências, de leitura obrigatória para crianças ao longo dos séculos que se seguiram a seu aparecimento.

As fábulas de La Fontaine têm como fontes autores como Esopo, Fedro e o indiano Pilpay. Entretanto, o poeta francês renovou o gênero quando reinventou a forma de contar histórias: narrativas curtas, linguagem simples e moral da história explicada de forma didática e atual (ALCOFORADO, 2018). Segundo Coelho (1991, p. 82), várias pesquisas demonstraram que “La Fontaine foi buscar seus argumentos nos gregos, latinos, franceses, medievais, parábolas bíblicas, contos populares, narrativas medievais e renascentistas e em várias outras leituras que desafiavam sua infatigável curiosidade”.

De acordo com Moisés (2013, p. 187), “em vernáculo, a fábula foi apreciada desde a Idade Média, mas apenas no século XVIII, graças ao exemplo de La Fontaine, entrou em moda”. Ainda segundo Moisés (2013), o gênero fábula começa a circular no Brasil durante o Romantismo, mas sua popularidade por entre nós se deve, sobretudo, a Monteiro Lobato.

Leitura de fábulas

O presente trabalho visa promover o letramento literário, através do gênero fábula, não falamos em “forma leitores literários”, mas em mediar, incentivar e despertar a curiosidade do leitor em constante formação. Nossa proposta se articula dentro do paradigma do letramento

literário proposto por Cosson (2021), como um processo, não sendo, portanto, um produto ou modelo acabado e pronto, mas uma atitude em relação à leitura e à literatura que se constrói ao longo da vida, logo, não começa nem termina na escola, mas pode ser fomentada por ela.

A fábula é um dos gêneros literários mais antigos e sempre se fez presente nos livros didáticos, também é recomendada entre os documentos oficiais da educação como BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e PCN (Parâmetros Curriculares Nacional).

A fábula é trabalhada na proposta que se apresenta como gênero que pode despertar o interesse dos estudantes do ensino fundamental pela leitura de obras literárias. A escolha da fábula se dá justamente por suas características estruturais, por ser um texto narrativo curto, acaba sendo um atrativo para o público-alvo (6º ano), por carregar em si uma certa ludicidade e que, por abordar atitudes humanas, pode suscitar discussões acerca de questões ética e valores essenciais para se viver em sociedade, contribuindo para a formação de indivíduos críticos e conscientes de seus papéis sociais.

Utilizar as fábulas pode funcionar como uma espécie de estratégia para se chegar a outras leituras mais longas e complexas. O trabalho com fábulas em sala de aula também nos permite discutir temas do cotidiano do aprendente, proporcionando a diversão e despertando a consciência dos estudantes acerca de temáticas que se aproximam das suas realidades.

4020

De certo modo, as fábulas, como gênero textual, contribuem muito nesta etapa do ensino, pois essa fase lúdica, da imaginação, do maravilhoso, nada melhor do que as fábulas para promover essa transição de leitores que acabam de ingressar nos anos finais do ensino fundamental.

A escola sozinha não pode formar leitores, o professor não tem essa sagrada missão que nos é imputada pelos pais e muitas vezes pela própria escola de transformar educandos em leitores. O leitor se forma ao longo da sua vida, através de estímulos internos e externos, são muitas vezes as leituras desinteressadas, aquelas que em diversas situações fazemos longe da escola, que torna a nossa leitura favorita. Não obstante, o professor pode contribuir de forma significativa para a promoção do letramento literário.

A fábula, enquanto gênero textual, muitas vezes é desmerecido na escola, às vezes vista com desconfiança, pouco apreciada, pouco valorizada diante de outros gêneros textuais, como contos e romances. Mas sabemos do seu valor histórico e literário, das suas qualidades estilísticas, de suas ligações com a sabedoria popular, dos ensinamentos transmitidos de geração em geração.

Aguiar (2013) ressalta a importância das experiências trazidas para o ato de ler. A leitura seja ela qual for, será sempre atravessada por individualidades cotidianas, por conhecimentos prévios individuais. Como pudemos ver, as fábulas são histórias transmitidas e ressignificadas desde os primórdios da humanidade, apreciadas por diferentes povos, em diferentes línguas, que se mantiveram presentes na cultura ocidental ao longo de séculos chegando até a Modernidade. Não há razão para considerada a fábula um gênero “menor” ou sem importância na escola, percebe-se por parte dos educadores uma certa descrença no poder da fábula para o letramento literário. De fato, as fábulas são geralmente textos singelos, curtos, com poucos personagens e ações simples, mas que não deixam de ser leituras valiosas, ricas, cheias de aventuras e emoção.

O trabalho com fábulas em sala de aula

As fábulas da tradição clássica não foram criadas com intenção pedagógica, porém, fabulistas como Bábrio e La Fontaine propõem esse exercício literário, pois a ausência da moral, requer que esse trabalho interpretativo deve ser realizado pelo leitor, como uma possibilidade lúdica do gênero. Segundo a obra *Tradição da fábula*, “interpretar uma fábula, é, pois, como interpretar um enigma” (Dezotti, 2018e, p. 25). Assim, dependerá do ouvinte o esforço interpretativo.

Ao longo de sua história, a fábula passou a estar a serviço da educação escolar em todos os níveis, era, pois, um dos primeiros textos que uma criança tinha contato no aprendizado da leitura, após a alfabetização e aulas de gramática.

Em consulta a dissertação de mestrado *O uso didático da fábula* (2023), de Lima, a autora argumenta que a fábula aparece na educação no Brasil Império, através da primeira coletânea de fábulas de Justiniano José da Rocha intitulada *Fábulas imitadas de Esopo à La Fontaine* publicada em 1852, composta de 120 textos em prosa com objetivos pedagógicos. A obra em questão apresenta fábulas abasileiradas, ou seja, seus elementos são da fauna e flora brasileira, em outros aspectos temos uma adaptação também da culinária francesa para a nossa cultura. Elas seguem a estrutura esópica com dois parágrafos, o primeiro com parte narrativa e a segunda moralizante. A título de exemplo temos a adaptação da fábula “A raposa e a cegonha”, de La Fontaine para “A raposa e a socó”, de Justiniano Rocha (LIMA, 2023).

No século XIX há indícios que as fábulas de La Fontaine eram lidas nas escolas municipais de instrução primária da corte e fazia parte do acervo pessoal do Imperador D. Pedro II. No romantismo, época em que se buscava pelo nacionalismo e originalidade, as fábulas de

Esopo sofreram várias adaptações. Na Literatura Infantil Brasileira é possível encontrar adaptações das clássicas fábulas da Antiguidade Clássica e La Fontaine com elementos da fauna e flora brasileira, objetivando valorizar e exaltar a pátria (LIMA, 2023).

Ainda segundo a dissertação de Lima (2023), a título de exemplo, temos alguns animais da fauna brasileira como o sabiá, o gaturamo, o urubu, o papagaio, a preguiça, o sagui, o beme-te-vi, o tamanduá protagonizando narrativas que abordam questões como a escravidão, a política, as ferrovias, entre outras temáticas presentes na época.

A mestranda traz em sua dissertação Coelho Netto¹ como precursor da escrita das primeiras fábulas brasileiras destinadas ao público infantil com finalidade pedagógica, incutindo na criança o culto e a devoção à pátria, de modo a formar as crianças de acordo com o padrão vigente da época, concepção muito comum na Literatura Infantil da época. Netto se distancia da linguagem simples e popular, ao utilizar uma linguagem mais erudita, de cunho retórico e refinado (LIMA, 2023).

Monteiro Lobato, escritor brasileiro do início do século XX, ao questionar o caráter moralizador da fábula inova a tradição da fábula brasileira, ao imprimir nos personagens características críticas a respeito dos valores da época. Lobato protagoniza uma ruptura com o sistema de vida tradicional e a valorização do ser humano audaz, confiante e empreendedor, a exemplo da sua mais brilhante personagem, Emília, do Sítio do Pica-Pau amarelo.

4022

Em 1922, é publicado *Fábulas* que reúne 75 histórias em prosa, inspiradas em Esopo e La Fontaine. Lobato também faz as adaptações necessárias aos pequenos leitores, incorpora elementos da fauna e flora brasileira, fugindo também das ideologias clássicas das fábulas.

Durante o regime militar, iniciado em 1964 encontramos fabulistas que desconstruem a fábula clássica, a exemplo de Millôr Fernandes, que se utilizava do humor e da ironia para desconstruir a forma e o conteúdo das fábulas clássicas, chegando a ser taxadas de antifábulas, cujas obras do autor abarcam ao todo mais de 100 fábulas. As fábulas millorianas além de romper com a forma e conteúdo dos modelos clássicos, também desconstrói valores vigentes na sociedade, em tom de humor e ironia, utilizando também ilustrações caricatas realizadas pelo próprio fabulista para contribuir com o efeito de humor e ironia. Suas adaptações têm como público-alvo os adultos, porém chama a atenção dos mais jovens por sua estética e conteúdos inovadores (LIMA, 2023).

¹ Maximiano Coelho Netto nasceu em 1864 e faleceu em 1924. De acordo com Santos (2001), ele foi deputado federal, jornalista, escritor e presidente da Academia Brasileira de Letras.

É notório que a fábula passou por diversas transformações até chegar em nossos dias, mas nunca perdeu o descrédito de texto literário eficiente, ela não morreu, mas eternizou na mente de adultos e crianças de diversas gerações. O uso da fábula em sala de aula permite uma abordagem prazerosa e mais leve de temas cotidianos, seja através de leituras da tradição clássica, seja da cultura indiana, russa ou brasileira, todas as versões e adaptações são bem-vindas, pois contribuem para o letramento literário.

A escola tem a responsabilidade de contribuir para a formação de cidadãos conscientes de seus deveres, para que possam atuar na construção de uma sociedade mais justa, igualitária, solidária, tendo em vista que sim, o trabalho com fábulas pode se prestar a esse papel de auxiliador do professor em sala de aula para mediar o processo do letramento literário.

Observa-se que o gênero fábula ainda é um importante instrumento de estratégias de leitura, ao lado de outros gêneros como contos, romances, novelas, etc. adequados a cada objetivo, gênero e suporte, de modo a posicionar-se criticamente e estabelecer preferências. No contexto da BNCC poderíamos trazer fábulas clássicas e estabelecer contrapontos com textos mais atuais, tais como Monteiro Lobato com suas brilhantes adaptações até Millôr Fernandes. Para diversificar os autores o presente trabalho traz como alternativa para a sala de aula, as adaptações Liev Tolstói, escritor russo do século XIX.

4023

Apresentação da proposta de sequência básica

A intervenção pedagógica consiste na aplicação da sequência básica do letramento literário de Cosson (2016). O letramento literário não acontece da noite para o dia, tem caráter processual, contínuo, algo que é construído ao longo do tempo, logo, o letramento literário não é iniciado na escola e não termina nela, mas a escola pode ampliar e aprimorar (Cosson, 2021).

Segundo Cosson (2016, 2021), a apropriação da literatura é similar ao aprendizado da língua materna, na medida em que sua leitura tem um caráter individual, particular, sem deixar de ter uma dimensão social, o que nos insere como indivíduos que somos em uma comunidade de leitores.

Cosson (2016) propõe dois tipos de Sequências para o letramento literário, a Sequência Básica (SB) e a Sequência Expandida (SE). A primeira (SB) como o próprio nome diz é básica e constitui-se de quatro partes: motivação, introdução, leitura e interpretação. A SB traz três pontos de apoio, o primeiro são os intervalos que acompanham a leitura da obra, são momentos de checagem que ajuda o professor e alunos a compartilham as primeiras impressões da obra.

O segundo e terceiro pontos são a discussão e o registro da interpretação, momentos que se denomina de externalização da leitura, na qual envolve autor, leitor e comunidade, isto é, o momento do registro, que poderá acontecer de diversas formas a depender das características individuais das turmas (Cosson, 2016).

A SE é um modelo que já traz consigo os quatro passos da SB e que é ampliada com mais cinco passos: primeira interpretação, contextualização (teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática), segunda interpretação, expansão e experiência reveladora. A SE foi pensada para atender aos professores do ensino médio, então, foram introduzidas algumas modificações dentro da SB, que incorporasse as diferentes aprendizagens acerca do letramento literário. A SE pode ser aplicada tanto no Ensino fundamental II a depender do nível da turma, quanto no Ensino Médio.

A SB proposta aqui apresentada foi construída a partir da obra *Fábulas* de Liev Tolstói (1828-1910), com base na edição publicada em 2009, com fábulas selecionadas, adaptadas e traduzidas do russo por Ana Sofia Mariz e Tatiana Mariz e com ilustrações do chileno Gonzalo Cárcamo. A opção pelo autor russo se dá justamente por ser um escritor distinto dos demais que vem sendo estudado em dissertações de mestrado sobre o trabalho com o gênero fábula na sala de aula. Tolstói se consagra como escritor, amplamente reconhecido como um dos maiores da literatura de todos os tempos, com obras como *Guerra e Paz* (1869), *Anna Kaniênina* (1877), *A morte de Ivan Ilich* (1886), *Ressureição* (1899), entre outras. As fábulas presentes na obra de Tolstói são narradas com sabedoria e humor, instigando crianças a refletir sobre valores fundamentais nas relações humanas.

Adotamos a SB pois julgamos que sua estrutura é a mais adequada para atingir os objetivos propostos no trabalho com fábulas em turmas de 6º ano, principalmente tendo em vista a exiguidade e o caráter lúdico do gênero.

Vejamos como a sequência básica se estrutura conforme a proposta de Cosson (2016) já considerando as especificidades de nossa proposta de intervenção. A primeira etapa da sequência básica consiste na preparação do leitor para receber o texto, que pode acontecer por meio da oralidade ou da escrita. Segundo a proposta de Cosson (2016), o limite de tempo da motivação seria de uma aula.

A segunda etapa consiste na introdução que objetiva a apresentação do autor e obra, sua intenção é fornecer informações básicas sobre o autor e justificar a escolha da obra e sua importância, apenas informações que interessam ao trabalho, o limite de tempo para essa fase é de uma aula (COSSON, 2016). Nesse momento, também é apresentada a obra física a classe.

O principal objetivo é fazer com que os participantes recebam a obra de forma positiva. Desse modo, em nossa proposta, faremos a apresentação da edição física do livro *Fábulas*, de Liev Tolstói.

A terceira etapa é dedicada à leitura propriamente dita da obra (COSSON, 2016). No caso do livro *Fábulas* de Tolstói (2009), por exemplo, é possível dividir as fábulas entre os estudantes, levando em conta que são nove textos curtos e que a leitura seja feita em duas aulas entre leitura e roda de conversa sobre os textos.

A última etapa e não menos importante é a interpretação, construção de sentidos do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. Temos inicialmente o encontro do leitor com a obra, momento individual da leitura literária que Cosson (2016) identifica na sequência básica de momento interior e finalmente o momento externo que é a concretização, a materialização da interpretação, ou seja, a externalização da leitura, isto é, seu registro, que poderá ser realizado de diversos modos, a depender da turma e nível de escolaridade de escolaridade.

Apresentamos a estrutura da Sequência Básica que elaboramos para a realização da intervenção pedagógica, construída com base na proposta de Cosson (2016), com a previsão de atividades e quantidades de aulas. Optamos por trabalhar com questionários para a realização da sondagem e para avaliação da intervenção.

SEQUÊNCIA BÁSICA: <i>Fábulas</i> , de Tolstói	
LEITURA PRINCIPAL: Obra: <i>Fábulas</i> Autor: Liev Tolstói Editora: Companhia das Letrinhas. Ano de publicação: 2009	LEITURAS SECUNDÁRIAS: <i>Fábulas</i> , de Jean de La Fontaine (2020).
SONDAGEM Duração: 01 aula	Questionário 01: Sondagem sobre conhecimentos prévios sobre o gênero estudado e práticas de leituras dos alunos.
ETAPAS DA SB:	ATIVIDADES PROPOSTAS:
1. MOTIVAÇÃO: Duração: 01 aula	1. Desenho animado: Ficha técnica: Título: A cigarra e formiga Gênero: animação Duração: 10 min. Link: https://youtu.be/ocHOzZvdSIY acesso em 12/11/23. 2. Leitura da fábula: O cururu – Jorge de Lima
2. INTRODUÇÃO: Duração: 02 aulas	1. Gênero: história e aspectos literários do gênero fábula. 2. Autor: apresentação sobre a vida e obra de Liev Tolstói. 3. Obra: apresentação da obra (edições física e digital, materialidade do livro: capa, gravuras, etc.).
3. LEITURA: Duração: 02 aulas	1. Leitura individual de fábulas de Tolstói (1º momento). 2. Intervalo (trabalho com as gravuras do livro selecionado). 3. Leitura coletiva de fábulas de Tolstói (2º momento).

<p>4. INTERPRETAÇÃO: Duração: 02 aulas</p>	<p>1. Releitura coletiva das fábulas selecionadas; 2. Discussão oral; 3. Comentário escrito sobre uma das fábulas.</p>
<p>5. AVALIAÇÃO: Duração: 01 aula</p>	<p>1. Questionário 02: avaliação da intervenção.</p>
<p>REFERÊNCIAS: TOLSTÓI, Liev. Fábulas. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009. LA FONTAINE, Jean de. Fábulas. São Paulo: Lafonte, 2020. COELHO, Nelly Novaes. Panorama Histórico da Literatura Infantil/juvenil. São Paulo: Ática, 1991. COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016. COSSON, Rildo. Paradigmas do Ensino de Literatura. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2021. DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. Fábula. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine. São Paulo: Editora UNESP, 2018e. p. 23-32. LIMA, Jorge de. <i>Calunga; O anjo</i>. 3. ed. Rio de Janeiro, Agir, 1959. p. 160-1.</p>	

Considerações finais

Ansiamos que a proposta de intervenção que ora se apresenta contribua para o avanço da formação do letramento literário da turma em que será desenvolvida e sirva para estimular nos educandos que a compõem o interesse pela leitura literária, motivando-os a buscarem novos horizontes de leitura.

Nosso maior desafio na aplicação da SB será justamente motivar os participantes da pesquisa para aplicar a intervenção pedagógica de forma exitosa, de modo que alcancemos os objetivos pretendidos. Esperamos que ao final da intervenção pedagógica os discentes possam realmente ter encontrado na literatura um motivo para continuar desfrutando do contato com os mundos possíveis que a leitura de um texto literário propicia.

Finalmente, ressaltamos que o referido projeto se encontra em andamento, tendo sido devidamente aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE de número: 76962823.7.0000.0055) e (Parecer Nº 6.721.964). A previsão é que o projeto comece a ser aplicado em meados de abril com previsão de término no início do mês de maio de 2024.

Referências

ALCOFORADO, Maria Leticia Guedes. La Fontaine. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Editora UNESP, 2018. p. 151-211.

CADERMATORI, Ligia. *O que é literatura infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. *Panorama Histórico da Literatura Infantil/juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

COSSON, Rildo. *Paradigmas do Ensino de Literatura*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2021.

DEZOTTI, José Dejalma. Fedro. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Editora UNESP, 2018a. p. 81-98.

DEZOTTI, Lucas Consolin. Aviano. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Editora UNESP, 2018b. p. 119-131.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. Bário. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Editora UNESP, 2018c. p. 99-118.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. Esopo. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Editora UNESP, 2018d. p. 33-80.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. Fábula. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. *A tradição da fábula: de Esopo a La Fontaine*. São Paulo: Editora UNESP, 2018e. p. 23-32.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto 1: prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1994.

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas*. São Paulo: Melhoramentos, 2016.

LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas: antologia*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

LIMA, Jadd Santana. *O uso didático da fábula*. Dissertação de Mestrado em Estudos Literários – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2023.

MALTA, André. *Apresentação às Fábulas de Esopo*. In: ESOPO. *Fábulas, seguidas do romance de Esopo*. São Paulo: Editora 34, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2013.

TOLSTÓI, Liev. *Fábulas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

VARGAS, Maria Valéria Aderson de Mello. *A tradição indiana da fábula*. In: DEZOTTI, 2018. p.131-149.

Autor 1:



Liliane Alves de Lima Ferreira

Graduada em Letras-vernáculos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB (2008). Especialista em Literatura Brasileira (UNEB). Professora das redes municipal (6º ao 9º ano) e estadual (ensino médio), mestranda do Profletras pela Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB.

E-mail: 2022m0026@uesb.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7003314840842826>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9421-9542>

Autor 2:



Halysson F. Dias Santos

Graduado em Letras (UESB). Especialista em Teoria Literária e História Literária (UESB). Mestre e doutor em Memória: Linguagens e Sociedade (PPGMLS-UESB). Professor Adjunto de Literatura Portuguesa e Brasileira do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professor no Mestrado Profissional em Letras.

E-mail: halyssondias@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7090170211633501>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2698-5034>